

Visagens, assombrações & encantamentos da Amazônia

Nº 01
ANO I
R\$ 3,00



- * PRESENTE DE NATAL (BELÉM)
- * O MERGULHO (MELGAÇO)
- * BRINQUEDO VISAGENTO (MACAPÁ)
- * A NOITE É PARA OS MORTOS (BRAGANÇA)
- * O GRITADOR DE MARIANA (RIO GURUPI-VISEU)

WALCYR MONTEIRO

Banca de Revista

News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS
E CARTÕES DE CRÉDITO

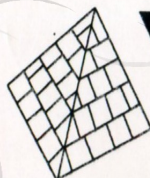
IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados



Pirâmide JÓIAS

OURO, PRATA, RELÓGIOS E
BIJOUTERIAS
CONSERTOS DE JÓIAS EM GERAL
FABRICAMOS SOB ENCOMENDA

ADM.: **Carivaldo Santa Rosa**

Av. Senador Lemos, 143 - Belém - Pará

Telefone: (091) 224-6602

SCYLLA

REPRESENTAÇÕES

MÓVEIS RESIDENCIAIS

(SALA - COZINHA - QUARTO - BARES)

MÓVEIS PARA INFORMÁTICA

Scylla-Ney Rocha
SÓCIO-GERENTE

CIDADE NOVA VIII - WE 39A - Nº 592 - CEP: 67.110-000 - TELEFONE: (091) 263-0580 - 987-2095

ANANINDEUA - PARÁ

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia

1ª tiragem - Dezembro / 1997 • 2ª tiragem - Fevereiro / 1999

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Datilografia: Maria Corrêa e Lourdes Souza

Ilustrações: Márcio Pinho

Editoração Eletrônica: Elailson Santos / Augusto Henrique

Impressão: Smith - Produções Gráficas Ltda.

Correspondência: Caixa Postal 1563 - Belém-Pa. CEP: 66017-970

Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br

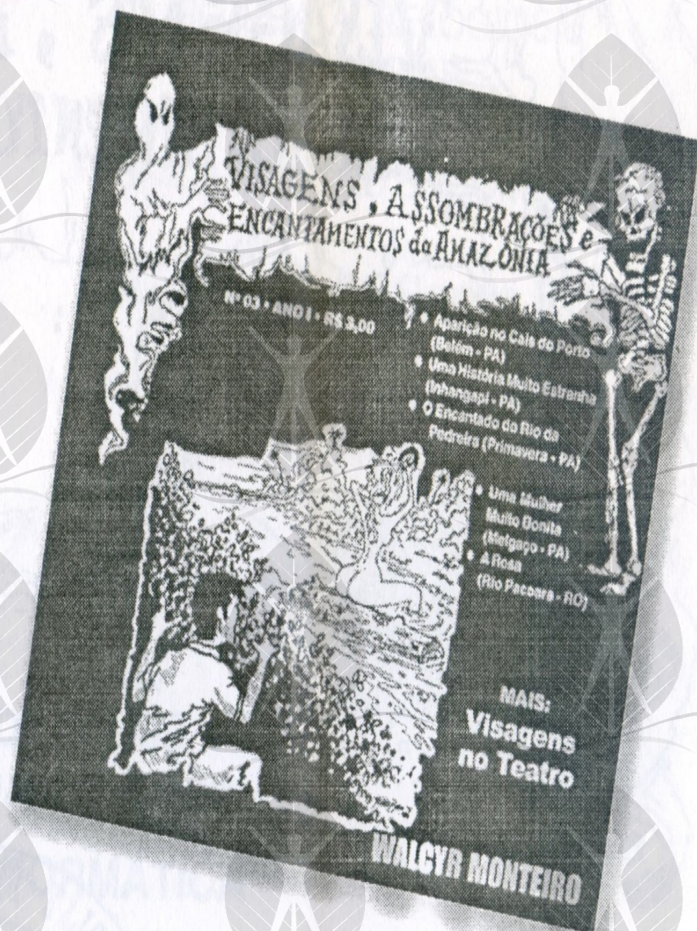
VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



Walcyr Monteiro

Am m
1961

Não deixe de ler os próximos números!



Assista a um programa regional na TV: GIL REIS

Belém - TV Boas Novas - Canal 4 - Quarta-feira - às 21:30 horas

Macapá - TV Marco Zero - Sábado - às 15:00 horas

Apresentação

Há 25 anos, precisamente na edição de 7 e 8 de maio de 1972, iniciava n' A Província do Pará, a publicação da série "Visagens e Assombrações de Belém". Tinha como objetivo preservar um traço cultural de nossa Região, aquela altura quase esquecido com o então recente advento da televisão. A série teve uma receptividade bem além da esperada, quer pelas cartas recebidas, quer pelas sugestões que fosse publicada em livro, o que acabou acontecendo só 14 anos depois (1986) pela Gráfica Falângola, com o apoio do jornalista e escritor Acyr Castro, então titular da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo - SECDET, e posteriormente, em 1993, a segunda edição pela CEJUP (leia-se Gengis Freire).

Nestes últimos 25 anos muita coisa aconteceu com o livro "Visagens e Assombrações de Belém": serviu de texto em universidades, em escolas de segundo grau, teve várias histórias encenadas quer por estudantes quer por artistas amadores e até mesmo profissionais, foi radiofonizado, e foi bem além das fronteiras de Belém, do Estado e até do País, levado que foi para o exterior para feiras de livros, sem falar que frequenta a relação dos dez livros de autores paraenses mais vendidos há vários anos, ficando muitas vezes em primeiro lugar...

Tudo isto foi muito além para quem apenas se esforçou - com muito amor, diga-se de passagem! - em preservar um traço cultural...

Naquele ano de 1972, planejei escrever "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia", o que tento fazer agora, através desta publicação. Pretende-se

abordar aqui, não apenas o sugerido pelo título, mas também tudo o que lembre os mitos, as lendas, as crenças, enfim os mistérios da Amazônia... Se se conseguirá o objetivo, só o futuro dirá... Mas, com certeza, dependerá muito de você, leitor, a sua continuidade... Escreva, dê sua opinião!

E aproveito para agradecer o apoio sempre decisivo da imprensa do Pará, do grande secretário de Cultura que foi Acyr Castro, do editor Gengis Freire e de todos aqueles que tem prestigiado o livro, diretores, supervisores e coordenadores de colégios, professores de língua portuguesa e de folclore, alunos, jornalistas, radialistas, editores de TV e de todo o povo paraense.

Walcyr Monteiro

Presente de Natal

24 de dezembro. Francisco passeava des-
cuidosamente pela zona comercial da cida-
de. O velho paletó desabotoado, o nó da
gravata meio frouxo, sentia-se tão feliz
quanto podia sentir-se um investigador da
Polícia com seu magro salário. Mas o salá-
rio, mesmo sendo magro, Francisco o ti-
nha recebido naquele dia, coisa difícil de
acontecer no seu tempo. Apertava o dinhei-
ro no bolso e ia pensando nas cervejas que
iria tomar logo mais, à noite, na Condor. Era
solteiro e datas como Natal, Ano Novo, São
João, Círio e tantas outras, ele as passava na
boemia, fazendo sua acompanhante e pri-
meira mulher com quem simpatizasse. E
pensando no programa que desenvolveria,
que o dia acabasse logo, chegasse logo à noite, para que ele "estourasse a nota" na
"condérica".

E foi assim que, chegou à rua João Alfredo. Pessoas para lá e para cá, entrando e
saindo das casas comerciais, cheias de embrulhos e compras, evitavam esbarrar em
Francisco, que sorria sem saber de que.

- Deve ser o tal espírito de Natal, pensou. Afinal Francisco, sendo solteiro e
tendo entrado ainda jovem para Polícia, estava acostumado a lidar com marginais e



ia pedindo

prostitutas, não conhecendo o outro lado da vida. Seu sorriso extinguiu-se nos lábios ao olhar para o interior de uma loja. À vista aguda do velho policial não escapou o homem que, sorrateiramente, tirava uma boneca de cima do balcão. Acompanhou o lance. E viu o homem disfarçadamente colocar a boneca debaixo do braço, meter-se no meio do pessoal. Quando menos esperava, Francisco o segurou pela gola da camisa.

- Que é isso aí, ó meu? Vais querer levar a boneca sem pagar?

- Me solte, pelo amor de Deus...

As pessoas começaram a juntar-se e os gritos de "lincha" já começavam a ouvir-se. Francisco gritou:

- Ninguém bate no homem. Podem deixar comigo. Sou da Polícia.

Uma das encarregadas da loja dirigiu-se até ele, que fez a entrega da boneca e saiu arrastando o homem. Este, já na rua, apesar dos olhares dos curiosos, consegue falar junto ao ouvido de Francisco.

- Olha, meu amigo, quero lhe falar em particular.

- Não tem disto, não, velho. Não tenho nada para falar contigo. Estavas roubando e eu cumpri com o meu dever.

- Certo, certo. Mas: olhe, por favor, eu não sou ladrão. Eu realmente estava tirando a boneca para dar à minha filha de Papai Noel. Sabe? Eu estou desempregado...

- Não quero saber disto. Acaba com o papo.

- O senhor é pai?

- Hein? O que?

- É, o senhor é pai?

- Não, não sou, não. Ou, pelo menos se sou, não sei. É até possível que alguma vadia tenha um filho meu por aí... Mas não sei, não!

- Então é por isto...

- É por isto, o que?
- É por isso que o senhor não compreende.
- Não compreende o que? Fala de uma vez, desembucha!
- Não compreende o que é a gente ser pai, querer dar o Papai Noel para uma filha e estar desempregado, não ter dinheiro, como eu. Dói, meu irmão, dói na alma!
- Isto não justifica o roubo.
- É, não justifica, não. Mas o senhor não pode imaginar, já que não é pai, o que é todas as crianças estarem, no dia de Natal, com seu brinquedo, presente de Papai Noel e o filho da gente não ter nada... Dói mais na gente que na criança. Já pensou o que é olhar aqueles olhinhos tristes de decepção, quando vê que o Papai Noel não veio? Eu não sou ladrão. Eu peguei a boneca para dar para minha filha. E agora... além de não lhe dar nada, ainda vou fazer com que ela se envergonhe de mim quando crescer.

Francisco começou a pensar. Mas tranqüilizou sua consciência.

- Ora, ele estava roubando. Foi "flagra" mesmo. Não tem nem apelação.

E para não ouvir mais nada, disse:

- Olha, encerrou o papo, tá?

Chegaram à Central de Polícia. Depois do competente registro, o homem foi encaminhado ao pátio. Quando ia entrando, chamou Francisco.

- O que é?

- Olhe, eu já disse que não sou ladrão. Meu nome é Alberto Lopes. Moro no Guamá, na rua tal, assim, assim. Vá lá e se informe. Verá que todos darão boas informações minhas.

Francisco virou as costas e saiu. Seu dever estava cumprido e pronto. Voltou ao comércio. Voltou a pensar na Condor. Porém outra coisa ocupava também seu pensamento...

- Não sou ladrão... sou um homem honesto... estou desempregado.... Papai Noel da

minha filha... roubei a boneca por isso... O senhor é pai?... O senhor é pai?

As frases do homem começaram a martelar a cabeça de Francisco.

... sabe o que é ter filho e não poder dar presente? Dói mais na gente os olhos tristes da criança... eu não sou ladrão... dia de Natal, todas as crianças com brinquedos, só a nossa não ter nada... e o senhor é pai?... o senhor é pai?... o senhor é pai?...

Francisco começou a ser preocupar. Não sabia porque, mas o fato é que ele estava indeciso. Teria realmente feito bem em prender o homem?

- É, vivi tanto e não fiz um filho! E se fiz, não tenho nem o direito de ser chamado de pai. Ele é muito mais humano do que eu. Expôs-se à ser preso para dar uma boneca à filha e fui eu que o prendi. Com que direito? Afinal, ele é mais homem do que eu. Ele fez uma filha e se arriscou até para lhe dar uma boneca. E eu, o que fiz? Prendi este homem. Eu, que nem pai sou... eu, que não sei o que é ter uma pessoa me chamando de pai... mas, que é isto, Francisco? afinal ele estava roubando... cumpriste o teu dever... Bolas, nem pai eu sou...

Quando Francisco menos esperou, estava dentro da loja na qual prendera o homem. Olhou as bonecas. Perguntou o preço de uma bem grande. Achou graça - um riso amarelo - quando lhe disseram o preço: era praticamente todo o seu magro salário de investigador, que estava reservado para uma noite alegre na Condor. Passou a mão no bolso, alisou as cédulas e, decidido:

- Embrulhe a boneca. Para presente, ouviu? Faça um embrulho bem bacana.

Lembrava-se ainda do endereço dado por Alberto. E para lá dirigiu-se.

Casa paupérrima, uma garotinha de quatro anos brincava na porta.

- Ei, vem cá...!

A menina foi.

- Tu moras aqui?

A menina fez que sim com a cabeça.

- Olha, este é teu presente de Papai Noel. Foi teu pai que encomendou.

A menina pulou de contente. Bateu as mãos em palmas, ao mesmo tempo em que chamava a mãe.

- Mamãe... mamãe, eu não lhe disse que Papai Noel vinha? Olhe só o que ele me mandou!

De dentro da casa saiu uma senhora desconfiada. Perguntou o que era aquilo.

- É o seguinte: encontrei seu marido lá embaixo. Sou amigo dele. Ele comprou esta boneca e pediu para deixa-la aqui, pois ele estava muito ocupado.

- Meu marido? O senhor está enganado. Meu marido está em casa...

- O que? Mas... a senhora não é mulher do Alberto Lopes?

- Heim?

- A senhora não é esposa de Alberto Lopes?

- O senhor quer dizer, a viúva, né?

- Viúva?

- Sim, porque ele morreu há mais de dois anos. Atualmente eu vivo com outro homem.

Francisco pensou estar sendo vítima de um vigarista.

Naturalmente, o homem dera o nome falso, bem como a residência. Furioso, ia deixando o local.

- Ei, espere aí - falou a senhora - e que história é esta da boneca?

Francisco ia dizer que tinha sido engano. Mas ao olhar para a menina, esta começava a desembulhar a boneca. Com os olhos saltando de alegria exclamou:

- É linda!

E dirigindo-se a Francisco beijou-lhe a mão, o rosto, dizendo:

- Muito obrigada. Dê um beijo em Papai Noel. O senhor é amigo dele, não é?

Francisco não teve coragem de tirar a boneca. Fez que sim com a cabeça, olhou a mãe da menina que esperava uma resposta e, levantando-se, saiu apressadamente sem dizer nada. A senhora seguiu-o com olhar, exclamando em voz alta: - Deve ser

doido!

Francisco dirigiu-se furiosamente à Central de Polícia. Chegando, foi direto para o pátio. E procurou por Alberto. Mas ele não mais estava ali. Dirigiu-se ao comissário de permanência, perguntando quem o havia mandado soltar.

- Não foi solto não. Está no pátio.

- Lá ele não está. Vim de lá, agora.

- Mais isto não é possível...

Dirigiram-se ao pátio. A porta foi aberta: o homem não estava lá. Como por encanto, havia desaparecido. Pergunta aqui, pergunta acolá, ninguém sabia informar o paradeiro do homem que tentara roubar a boneca para dar de presente de Papai Noel...

A história foi contada por Francisco ao comissário e demais presentes.

- É... foi o espírito do pai dela que ia dar a boneca. E acabou dando mesmo, através do Francisco...

Naquela noite de Natal, Francisco, sem dinheiro, bebia à custa dos amigos na Condor. Encontrou uma velha conhecida, entabularam conversa e combinaram passar o resto da noite juntos. Em dado momento ela comentou:

- Mas o que é que tu tens, Francisco? Estás tão diferente hoje! Parece até que não estás aqui...

Francisco não respondeu. Mas na verdade seu pensamento estava longe. Pensava em algum lugar do bairro do Guamá, nos olhos felizes de uma garotinha com uma grande boneca nos braços - presente de Natal, comprada com seu magro salário de investigador da Polícia...

O mergulho

Início da década de setenta.

Em Melgaço, depois de jogar uma pedrada, Severino Araújo Dias, de 10 anos, e dois colegas resolveram tomar banho no rio, indo para o antigo trapiche de açazeiro, bem diferente do trapiche atual.

Quem vai contando a história é Maria Telma Araújo Dias, estudante, residente na cidade de Melgaço e sobrinha de Severino.

Eram seis horas da tarde. Os três tomavam banho alegremente, até que Severino deu um mergulho e não voltou mais. Os outros dois, pensando que ele estava brincando e tinha se escondido nos barrancos, depois de chamarem bastante e esperarem um bocado, foram embora.

Às sete horas, a avó de Telma, portanto mãe de Severino, resolveu ir atrás e foi a casa de Canhoto, um dos amigos, que contou o que se passara, afirmando que depois daquele mergulho não viram mais Severino, razão porque pensaram que ele tivesse se escondido.

A mãe ficou desesperada e convidou várias pessoas para procurar. E mesmo de



noite, iniciaram a busca no trapiche, na beira e nada encontraram. Só quase 11 horas da noite é que foi encontrado pelo "seu" Bebê Chorão, um senhor lá de Melgaço. Severino estava todo molhado e liso, liso, liso, todo enrolado, parecendo uma cobra...

Quando foram segurá-lo, não conseguiram. Apesar de ter só 10 anos, parecia ter uma força descomunal e tentava voltar para dentro d'água. Distribuía socos e pontapés e, liso como estava, se tornava muito difícil segurá-lo, tanto que cinco homens não conseguiram. Ai começaram a rezar, a rezar, a rezar e só com muita reza, com muitas orações é que conseguiram finalmente tirar Severino da beira do rio e levá-lo para casa.

Severino não falava. E mudo ficou durante oito dias e oito noites, período em que não comeu nada e nem ao menos bebeu água... Depois deste tempo, quando voltou a falar, contou para a mãe que, ao mergulhar, encontrou uma cobra encantada, que não sabia se era homem ou mulher. A cobra levou-o para uma cidade no fundo do rio, cidade esta que também era encantada. Em tudo parecia com as cidades da superfície, com uma só diferença: os seus habitantes eram todos cobras, cobras encantadas...

A cobra que levou Severino convidou-o para ficar. Convite recusado, insistiu prometendo muitas coisas: casa, riqueza, o que Severino quisesse. Novamente a recusa. Aproveitando que Severino estava com fome, a cobra disse que lhe daria de comer, mas se ele comesse daquela comida, não mais retornaria a superfície, ficando ali para sempre. Voltar, só se ele não comesse nada. Severino controlou-se para não comer. E não se lembrava de mais nada, até ser encontrado na beira do rio...

Depois disto, Severino sentia-se muito atraído pelo rio. Quando passava perto, queria se jogar n'água. Foi necessário que a mãe dele o levasse à pajé (ou "pajôa"?) D. Celeste, que, com muita reza e outras invocações, conseguiu livrá-lo da atração que sentia pelo rio e pelas cidade escondida lá no fundo, habitada por encantadas cobras...

Brinquedo visagento

Quem não conhece o jogo ou a brincadeira de bole-bole? Sabe como é, não? Tanto pode funcionar como jogo, entre duas ou mais pessoas, ou como passatempo, para quem não tem outra coisa a fazer. É uma brincadeira simples, para a qual não se precisa ter despesas. Basta um punhado de pequenas pedras e... está pronta a brincadeira. Ai é só juntar as pedras nas mãos, jogá-las para cima e apanhá-las com os dorsos das mãos. Isto feito, joga-se novamente para cima, para então apará-las novamente com as palmas das mãos e assim por diante. Pode-se brincar só ou jogar um grupo de pessoas. Neste último caso ganhará aquela que ficar com o maior número de pedras nas mãos. Bom, esta é uma modalidade, pois que regras são inventadas na hora e são bastante diversificadas... Ficamos aqui. Afinal, isto não é um tratado de bole-bole... O que queremos é pura e simplesmente contar mais uma história de visagem... porém esta é uma história diferente... uma história em que... deixa pra lá... vamos logo pra história em



si... Quem me contou foi Elisângela Freitas dos Santos, que atualmente mora em Belém, mas que morava em Macapá, capital do vizinho Estado do Amapá. E foi lá que aconteceu...

- Tinha o costume de brincar de bole-bole, vai contando Elisângela, e eu adorava! Costumava jogar toda noite. Minha mãe não gostava muito e advertia: - "Olha este negócio de estar brincando de bole-bole...! Depois, as pedras ficam batendo sozinhas..."

Mas eu não acreditava: - Mamãe, isto é bobagem. É história de gente do interior. Não tem nada a ver. A gente sempre joga...!

Eu e minha irmã tínhamos umas pedras de seixo especiais para o jogo. Essas pedras, conseguimos numa viagem que fizemos junto com nosso pai para o interior, num igarapé, se não me engano. As pedras de seixo eram tão limpinhas, tão bonitas que não hesitamos em apanhá-las e traze-las para nossa brincadeira de bole-bole... Era melhor e mais higiênico brincar com elas, pois não sujavam as mãos...

Mamãe continuava falando: - "Elisângela, pára com este jogo. Vê o que aconteceu com a tua tia..." Ela se referia a uma tia nossa que vivera uma experiência desagradável com a brincadeira de bole-bole. Mas nós, ó, não dávamos a mínima. Para nós, aquilo era credice de gente do interior... Até que um dia...

Elisângela fez uma pausa como a se lembrar da experiência que tivera com as pedras de seixo.

- Decorria o ano de 1988.

Morávamos na Av. Nações Unidas, 1641, no bairro de Jesus de Nazaré, lá em Macapá. Naquela noite, como em tantas outras, pegáramos as bonitas pedrinhas de seixo. Mamãe mais uma vez advertiu e mais uma vez respondemos que aquilo era credice dos caboclos...

Como de costume, jogamos um bocado. Cansadas da brincadeira, guardamos as pedras de seixo em baixo de uma mesinha que ficava na sala de jantar, defronte do

nosso quarto e fomos dormir.

Já era de madrugada quando senti aquela mão fria me tocando. Era papai que tinha quebrado gelo, por isso estava com a mão fria. Ia viajar para a estrada e tinha ido se despedir. Ouvi nitidamente o barulho de carro saindo.

Passou algum tempo e de repente ouvimos aquilo batendo:

- *Tec, tec, tec...*

Perguntei às minhas irmãs mais velhas que dormiam no mesmo quarto o que era aquilo. Ela prestaram atenção e escutaram:

- *Tec, tec, tec..*

Então disseram que devia ser o papai quebrando gelo e eu disse que não podia ser, pois eu tinha ouvido o barulho do carro a se afastar. Mas, querendo acreditar no que elas tinham dito, levantei-me e fui em direção ao ruído, esperando encontrar papai. Qual não foi a minha surpresa ao sair do quarto e ver todas as pedras espalhadas no chão da sala... Fiquei apavorada, voltei correndo para o quarto e contei às minhas irmãs... Passamos o resto da noite ouvindo as pedras baterem:

- *Tec, tec, tec...*

Não conseguimos mais dormir. E foi até de manhã aquele tec, tec, tec... a martelar nos ouvidos...

Há coisas que geralmente não se acredita quando contam. Só vendo. E foi o que aconteceu comigo. Enquanto mamãe falava, enquanto contavam a história passada com minha tia, eu não acreditei. Foi preciso que acontecesse comigo...

E Elisângela concluiu:

- Ao clarear do dia, pulei da cama e dirigi-me à sala. Lá estavam as pedras todas espalhadas pelo chão... Peguei-as e fui jogá-las fora, bem longe. Desde este dia nunca mais brinquei nem joguei bole-bole... Apenas ficou na lembrança aquela madrugada com as pedras de seixo a baterem:

- *Tec, tec, tec...*

A noite é para os mortos...

Quem mata por maldade carrega o morto na costas... até o verdadeiro dia em que a vítima deveria morrer!

Assim falava Agnaldo Vieira Ramos, bragantino, agora vivendo em Belém e trabalhando como borracheiro na Rua Cesário Alvim, ao lado da Igreja da Conceição. Ele disse isto, antes de começar a contar uma história passada no município de Bragança, num povoado chamado Tapera-Açu Campo.

- Mais ou menos no início dos anos cinquenta, creio que entre 51 e 52, um homem chamado João, de apelido Periquito, agricultor de profissão, bebia muito e ficava bêbado pelos caminhos.

Um dia, completamente porre, Periquito caiu à beira de uma trilha que levava a Tapera-Açu Campo. E ficou lá, caído, dormindo profundamente.

Tiago Barbosa, outro agricultor, conhecido pelos maus instintos, ia andando pela trilha quando encontrou Periquito dormindo. Puxou da cintura uma verruma de furar tabaco e deu diversas estocadas no corpo do bêbado. Saiu correndo e foi avisar seu irmão, de nome Antônio. E os dois voltaram ao lugar onde Periquito dormia, sangrando, todo furado de verruma.

- Por que fizeste isto? Perguntou Antônio.

- Não sei, acho que foi maldade mesmo, respondeu Tiago.

Mas no que eles olharam, verificaram que Periquito não estava morto. E então Tiago, com a ajuda de Antônio, deu muitas pauladas, acabando depois por quebrar o pescoço de Periquito.

Olharam ao redor, não viram ninguém e então esconderam o corpo no mato às margens da trilha.

Eles não sabiam, mas estavam sendo observados por um outro vizinho, o Henrique, mais conhecido por Democrata. Assustado com o que vira acabou fazendo barulho no mato, denunciando sua presença. Ao se verem descobertos, correram até Democrata e o ameaçaram: se contasse a alguém, seria morto!

Democrata, apavorado, silenciou.

Mais tarde o corpo de Periquito foi descoberto, consternando o povoado. Periquito bebia, pegava seus porres, mas não fazia mal a ninguém. Quem teria feito aquela perversidade?

O delegado do lugar iniciou investigações, mas nada descobriu.

Até que sete dias depois...

Lídia, uma moça que morava no povoado, estava insone naquela noite de lua cheia. Resolveu ir até a janela. Arredou a ameaçaba (palha trançada de que a janela era feita) e ficou olhando a noite. De repente, ouve uns gemidos. Olha em frente e nada divisa. Ouve de novo os gemidos. Torna a olhar E vê uma cena inusitada: na tri-lha defronte a sua casa, um homem carregando o outro nas costas. De início, não consegue identificar. Depois vê muito bem, e também identifica pelas vozes, que se tratava de Tiago, carregando Periquito

Tiago dizia: - Eu estou cansado.

E Periquito respondia. - Me leva. Não descansa. Me leva pro cemitério antes de uma hora. Já tá pra amanhecer..

- Mas eu estou cansado, muito cansado ..

- A madrugada já vem. Tens que me levar pro cemitério. Não podes descansar, até me levar, pois o dia já vem...

Lídia enregelou. Teve vontade de gritar, mas o grito sufocou na garganta. Ficou ali parada, estática.

No dia seguinte contou aos familiares, que não acreditaram. Lídia protestou. - Não sonhei, nem estou louca. Vi o Tiago carregando o corpo do Piriquito ..

Mas não lhe acreditaram!

Nesta mesma noite, o espírito de Periquito apareceu para Lídia.

- Não deves ir ver lá fora, de noite. A noite é para os mortos, assim como o dia é para os vivos. Não vai mais olhar o que não é da tua conta...

Lídia sentiu fortes dores de cabeça, a ponto de enlouquecer.

No dia seguinte foi contar o que sabia ao delegado Este já andava desconfiado dos irmãos Barbosa. Democrata também resolveu contar o que tinha visto, apesar das ameaças. E assim o bárbaro crime foi descoberto .. Mas os Barbosa não foram preso. eles corromperam o delegado e tudo ficou como estava. Quanto a Lídia, foi preciso muita reza para se livrar da dor de cabeça e ficar boa novamente...

Tiago não foi preso, mas ficou carregando Periquito nas costas...

Pois é, terminou Aguinaldo, os antigos já diziam.

- Quem mata, sem necessidade, por maldade, carrega o morto nas costas...



O gritador de Mariana

À margem esquerda do Rio Gurupi, portanto do lado do Pará, há uns quarenta minutos de barco a motor da ponte sobre o rio na estrada Pará-Maranhão existe um povoado chamado Mariana. Como tantos outros povoados paraenses, é um lugar pobre e seu povo muito hospitaleiro. Alí existem paraenses e nordestinos de quase todos os estados, principalmente do Maranhão, que faz limite com o Pará.

Mariana não possui carros e luta por uma estrada que possa ligá-la à rodovia federal Pará-Maranhão. Algumas tentativas já se fizeram neste sentido, porém todas infrutíferas. Luz elétrica, só algumas horas e de um velho motor a óleo diesel, que quando dá defeito, deixa os moradores totalmente no escuro. E a fiação do motor a óleo diesel só chega a umas poucas casas centrais, deixando o resto da população à luz de lamparina. Existem alí pequenos comerciantes, entre eles Antônio Nascimento Mesquita, que, como todo interiorano que se preze, só atende pelo apelido, que, no seu caso, é Tota. E um dia Tota contou a história de gritos visagentos que se ouviam no caminho de Igarapé Bonito.

Ha alguns anos atrás, quem vivesse, ou passasse à noite, às proximidades do caminho de Igarapé Bonito, ouviria, com toda certeza, um horrível grito. Não era de nenhum morador, como também de estranhos não era, até porque, num lugar pequeno como Mariana, seria bem fácil identificar gente de fora. Aqueles gritos pavorosos assustavam muito quem os ouvisse e os moradores só faltavam morrer de medo. Se normalmente já não se saía à noite, a não ser alguém que fosse pescar ou caçar, com aqueles gritos horríveis, aí mesmo é que ninguém saía de casa. E histórias começaram a surgir sobre quem seria o gritador de Mariana. O certo é que povo vivia aterrorizado. E a vida continuava ate que, numa noite de quinta para sexta-feira, chegou na casa de "seu" Nazareno Erminio, tio de Tota, um grupo de amigos acompanhados da "pajoa" (*) de nome Júlia, trazendo vários litros de cachaça. Todos começaram a brincar e a beber, até que a "pajoa" Júlia disse que ia fazer uma

pajelança. E começou a trabalhar... começou., começou., começou... Ia seguindo lá o trabalho dela e, quando era cerca de meia-noite mais ou menos, ela disse:

- Vocês querem ver o gritador daí?

O pessoal que estava na casa respondeu: "É, a gente quer!"

Aí a "pajoa" perguntou:

- Vocês têm coragem de ver?

E o pessoal respondeu que tinha coragem de ver.

Aí a "pajoa", saindo da casa do tio de Tota, foi até o meio da rua e gritou:

- Ê, bebedor, vem beber mais eu! (**)

Todo mundo escutou quando a voz do gritador respondeu bem longe:

- Já vou...!

A "pajoa" voltou para dentro da casa e brincou, brincou, brincou e mais tarde ela saiu de novo e gritou novamente:

- Ê, bebedor, vem beber mais eu!

A voz do gritador respondeu já bem mais perto:

- Já vou...!

A "pajoa" voltou e brincou, brincou, brincou e, passado algum tempo, gritou de novo:

- Ê bebedor, vem beber mais eu!

E a voz do gritador, já muito mais perto, calculadamente defronte da casa de um senhor chamado Sebastião Batista, que morava mais na frente, gritou, que estremeceu a terra:

- JÁ VOU...!



Quando ele gritou que estremeceu a terra onde a gente estava, todo mundo correu, não ficou ninguém. Era um monte de gente correndo, menos a "pajoa", que ficou só, e, olhando o pessoal correr, disse:

- É, vocês não tem coragem!

Então pediu duas facas, que entregaram com muito medo e ela, de posse das duas facas, foi até o meio da rua e colocou-as cruzadas uma na outra e em seguida cantou. Depois ela disse para o pessoal:

- Vocês já podem vir que não tem mais perigo.

As pessoas se chegaram novamente, se aproximaram e entraram na casa de "seu" Nazareno, não sem um certo medo. Depois que todos chegaram, a "pajoa" falou:

- Agora, vocês querem ver êle? Se vocês querem ver ele, podem ir lá no meio do caminho, que ele esta sentado lá, beirando aquelas duas facas...

- "Ninguém foi olhar", contou Tota. "Eu pelo menos não fui porque nesse tempo eu tinha quinze anos e não tive coragem de ir".

E como ninguém foi olhar, a "pajoa" também não disse o que ela tinha amarrado com seu trabalho. Ela foi sozinha para o meio da rua, cantou e dançou a sua pajelança durante uns vinte minutos. Depois voltou com as duas facas na mão. O pessoal continuava aterrorizado. Mas depois desta sessão nunca mais se ouviu o estranho gritador de Mariana...

Ficou na memória de alguns moradores os gritos e a noite da sessão de pajelança, onde a "pajoa" convidava:

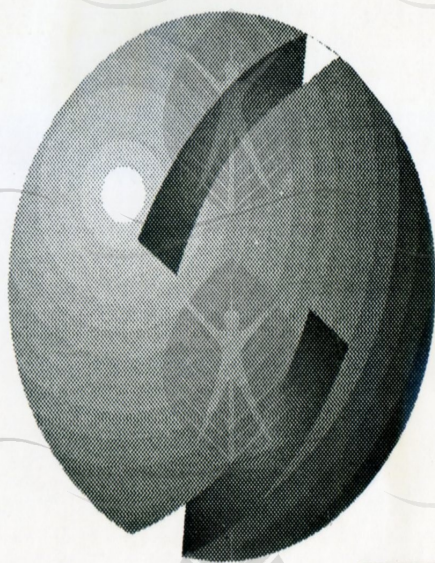
- Ê, bebedor, vem beber mais eu!

E a voz visagenta respondia gritando:

- Já vou...!

(*) "pajoa" - no sentido de feminino de pajé

(**) "Vem beber mais eu" - vem beber comigo



S • M • I • T • H

PRODUÇÕES GRÁFICAS LTDA

Impressos de Qualidade

* IMPRESSÃO DE DOCUMENTOS FISCAIS

* LIVROS * REVISTAS * JORNAIS

* EDITORAÇÃO GRÁFICA * ENCADERNAÇÃO

* IMPRESSOS EM GERAL

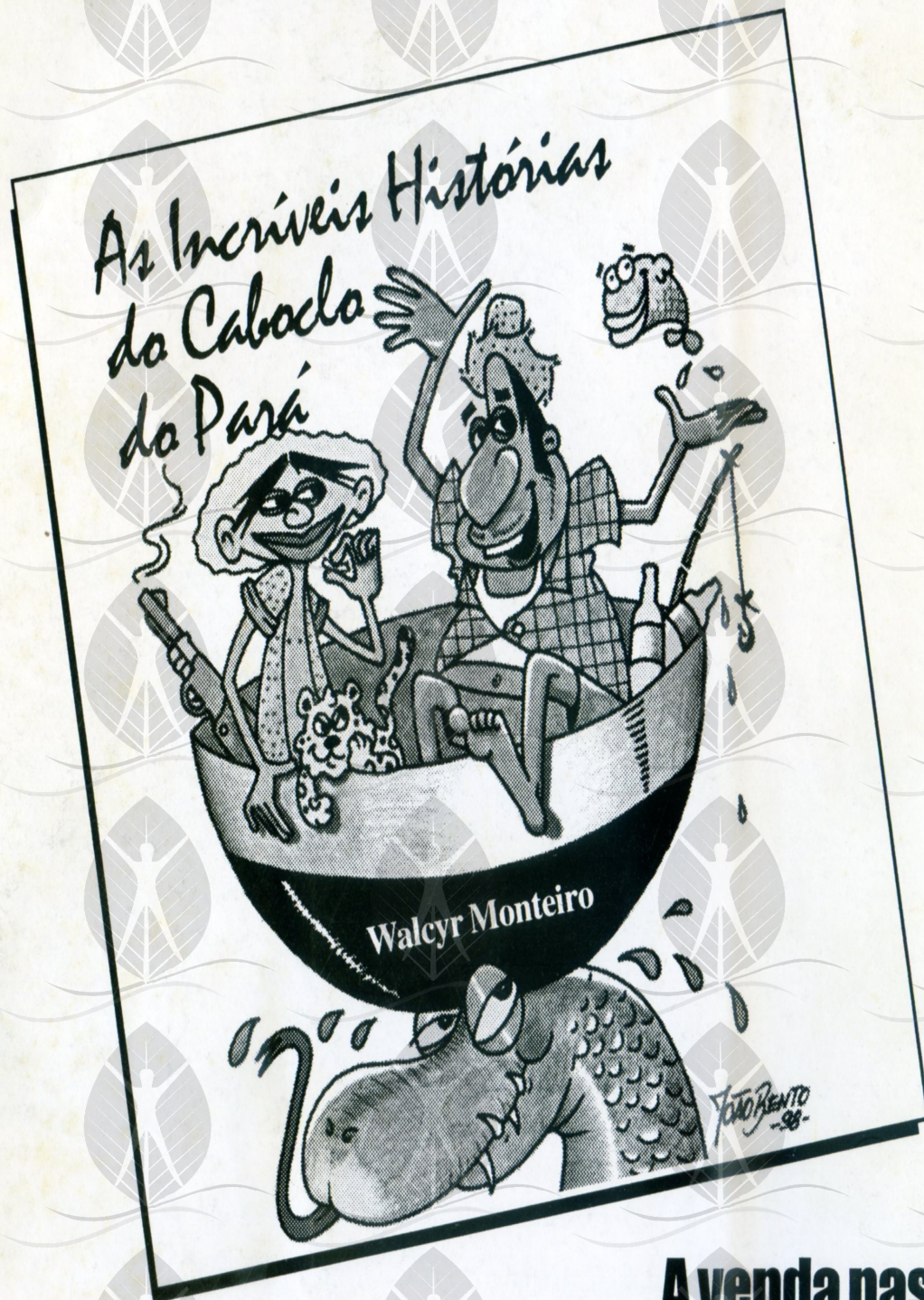
Avenida Pedro Álvares Cabral, 55 - (C/ Av. Dalva)

Marambaia - CEP: 66613-150

Fone/Fax: (091) 231-4908

Belém-Pará.

Já leu?



**A venda nas
melhores livrarias
e bancas de revistas de Belém**



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA